

## **A entrevista oral produzida por alunos de 8º ano do Ensino Fundamental: aspectos formais e funcionais**

**Oral interview produced by 8th grade students in the middle school: Formal and functional aspects**

Brígida Barbosa \*

Iveuta de Abreu Lopes \*\*

---

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é investigar o desempenho linguístico de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual da cidade de Floriano/PI, na produção do gênero oral *entrevista* em contexto de ensino-aprendizagem. A pesquisa é de natureza qualitativa e constitui-se da análise das produções de entrevistas orais dos sujeitos envolvidos. O questionamento que norteou a pesquisa foi: como a produção do gênero oral secundário entrevista pode mediar o processo ensino-aprendizagem da língua oral no Ensino Fundamental? Nossa hipótese inicial era a de que a produção desse gênero envolve a análise e reflexão da língua no processo de produção oral, considerando seu contexto de produção. O estudo fundamenta-se teoricamente nos pressupostos de: Shneuwly e Dolz (2004); Marcuschi (2010); Fávero, Andrade e Aquino (2012); Koch (2012); Castilho (2011; 2012); Bortoni-Ricardo (2004), entre outros. Os resultados da investigação apontam que os participantes da pesquisa conhecem o gênero entrevista oral, seu contexto de uso e sua função, mas carecem de escuta e produção desse gênero mais direcionada para compreender aspectos mais formais e sua funcionalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Entrevista. Ensino. Linguagem oral. Ensino Fundamental.

---

**ABSTRACT:** This study aims to investigate the linguistic performance of 8th grade students at a public middle school in Floriano, State of Piauí, Brazil. It targets the production of the oral interview genre in a teaching-learning context. The research is qualitative and consists of analyzing the students' oral interview productions. The research question was: How can the production of secondary genre oral interview mediate the teaching-learning process related to oral language in the middle school? Our initial hypothesis was that the production of this kind of genre involves analysis of and reflection upon language in the oral production process and in its production context. The study is theoretically based on the assumptions of Shneuwly and Dolz (2004); Marcuschi (2010); Fávero, Andrade and Aquino (2012); Koch (2012); Castilho (2011; 2012); Bortoni-Ricardo (2004), among others. The results showed that the students know the oral interview genre, its context of use and its function, but lack a listening to and a production of this genre that is more targeted to understanding more formal aspects and its functionality.

**KEYWORDS:** Interview; teaching; oral language; elementary school

---

---

\* Graduada em Letras/Português pela UESPI; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela FACINTER/IBPEX; Especialista em Mídias na Educação pela UFPI; Mestre em Letras pela UESPI; Professora efetiva da educação básica na rede estadual de ensino do Piauí desde 2000; Professora-substituta da UESPI.

\*\* Doutora em Letras - área Linguística. Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

## 1 Introdução

Esse estudo objetiva, através de uma abordagem de natureza qualitativa, investigar o desempenho linguístico de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública estadual da cidade de Floriano/PI, na produção do gênero oral entrevista em contexto de ensino aprendizagem. Para desenvolver essa investigação, tomamos como parâmetro as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de que o ensino de língua oral deve ser pautado na escuta e na produção de gêneros orais secundários em contextos reais de interação. Investigamos a produção do gênero oral entrevista de alunos de uma sala do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, por ser um gênero secundário que circula em situações públicas de comunicação.

Nosso propósito é tomar as análises como base para outras situações de produção de gêneros orais secundários, como propõe Bortoni-Ricardo (2008, p. 42) ao sugerir que A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações.

Do ponto de vista do gênero textual selecionado, levamos em conta a proposta de Marcuschi (2008), ao considerar o gênero oral entrevista como um gênero secundário por circular em contextos públicos de comunicação. É um gênero com o qual os alunos têm, ou terão contato, desde situações que envolvam uma visita do agente de saúde em sua casa até uma entrevista para emprego. Esse gênero tem sido um dos mais utilizados para o acesso a benefícios sociais, bolsas de estudo e, também, para a inserção do indivíduo em determinados grupos e no mercado de trabalho.

Alguns contextos de interação do gênero entrevista requerem a utilização da escrita, mas outros requerem o uso da oralidade. O grau de formalidade no qual esse gênero é desenvolvido é determinado pela situação comunicativa, independente da modalidade da língua empregada. Como na escrita, as situações públicas de interação oral exigem o conhecimento de certas formalidades, tanto para compreendermos o que o interlocutor diz, quanto para nos manifestarmos oralmente de acordo com a situação. Assim, a vivência com outros falantes, além dos familiares e pessoas com as quais tenhamos uma relação de intimidade, é necessária.

Entendemos que o estudo do gênero entrevista oral pode potencializar habilidades cognitivas e linguísticas do aluno, uma vez que se realiza numa situação discursivo-social que demanda o uso de certas formalidades da língua, pelo baixo grau de intimidade entre os

interlocutores e pela necessidade de precisão, clareza e escuta atenta tanto do entrevistado quanto do entrevistador, tanto nas perguntas quanto nas respostas.

Uma vez que a língua se concretiza, se modifica e se amplia a partir das interações, nosso estudo fundamenta-se em uma concepção interacionista, funcional e discursiva. Assim, consideramos que é o contexto que determina o modo de usar a língua, seja esse contexto social, cultural e/ou histórico.

A pergunta orientadora do estudo é: como a produção do gênero oral secundário entrevista pode mediar o processo ensino-aprendizagem da língua oral no Ensino Fundamental? Partimos da hipótese de que a produção desse gênero envolve a análise e reflexão da língua no processo de produção oral, não apenas em situações informais mas, principalmente naquelas que exigem um maior grau de formalidade.

A coleta de dados ocorreu num período de dois meses, tempo suficiente para observação do que os alunos já conheciam sobre o gênero oral entrevista e para a preparação e realização das entrevistas. Um roteiro e um cronograma foram elaborados e iniciamos a pesquisa. Pretendíamos verificar o desempenho linguístico dos participantes da pesquisa durante a realização das entrevistas, listando suas habilidades e/ou dificuldades para compreender o seu interlocutor, bem como para manifestar-se oralmente de forma a garantir a interação, fazendo uso dos recursos que a situação comunicativa exigisse, com a intenção de identificar potenciais dificuldades dos alunos para, assim, podermos intervir por meio de elaboração de estratégias de ensino que possibilitem a eles ampliar suas habilidades de escuta e produção desse gênero e de outros gêneros orais secundários.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, o ensino de língua no ambiente escolar deve priorizar gêneros que mereçam abordagem mais aprofundada, textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Motivada por esses pressupostos, esta pesquisa se justifica pelo interesse em contribuir para discussões e elaboração de projetos de intervenção escolar que despertem para o trabalho com a oralidade, mais especificamente para o trabalho com a entrevista oral, mas também com outros gêneros orais secundários. Esperamos contribuir, por minimamente que seja, para discussões no ambiente escolar e em centros acadêmicos, entre professores e estudantes, quanto à necessidade de um ensino da língua focado no desenvolvimento de habilidades que ampliem a competência comunicativa de seus falantes e

que viabilizem a produção de gêneros orais secundários, a fim de promover a vivência da cidadania e a inserção no mercado de trabalho.

Na comunicação oral privada, o aluno consegue se sair bem porque vive a situação, ouve e toma outras falas por modelo. Isso lhe garante certa segurança linguística para interagir, uma vez que conhece os modos de dizer do gênero a ser usado, pois já os experienciou, já houve aprendizagem por meio de um ensino, mesmo que informal.

Os gêneros orais secundários também precisam ser vivenciados no ambiente escolar, conduzindo os alunos a perceberem suas formalidades, convencionalizadas ao longo dos tempos. Ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações etc., são situações didáticas em que a produção textual faz sentido de fato.

Reconhecer as particularidades de cada contexto de uso da língua é importante tanto para adequarmos nossa fala ao contexto, ao interlocutor e aos propósitos comunicativos, quanto para compreendê-los na fala do outro. Também nos auxilia na identificação do perfil do nosso interlocutor (idade, escolaridade, região etc.) durante a atividade de interação.

## **2 Pressupostos teóricos**

### **2.1 Gêneros textuais orais secundários e o ensino de língua**

Em situações informais de comunicação, podemos perceber o uso de gêneros que costumam ser denominados primários, aqueles produzidos sem muito monitoramento por parte dos interlocutores. São usados quando há um certo grau de intimidade entre eles, em rodas de conversas, em bate-papos virtuais ou não, em avisos simples, lembretes ou recados na porta da geladeira etc.

Para situações de comunicação pública, onde não há tanta proximidade entre os interlocutores, há gêneros específicos. São os denominados gêneros secundários. Esses gêneros exigem maior monitoramento, pois há modos de dizer, termos específicos para cada gênero. Assim como os primários, os gêneros secundários se manifestam tanto na escrita quanto na oralidade.

Neste sentido, Kress (2003 apud MARCUSCHI, 2011, p. 24) afirma que os gêneros ligados à esfera privada são de menor estabilidade formal e os gêneros ligados à esfera da vida

pública são mais estáveis e em certos casos até rígidos, como os documentos em geral e os textos de atos rituais e comunitários.

Tanto Marcuschi (2008), quanto Santos, Riche e Teixeira (2013), Cavalcante (2013), entre outros, corroboram com o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais: a escola deve trabalhar tanto os gêneros escritos quanto os orais, tanto os textos de espaços privados (primários) quanto de espaços públicos (secundários).

Bortoni-Ricardo (2008), Marcuschi (2008), Bagno (2007), entre outros linguistas, pontuam que a competência linguística todo falante já a tem, pois na interação com os familiares consegue perceber e utilizar os recursos linguísticos necessários para interagir com o(s) outro(s). Mas também pontua a relevância de se desenvolver a competência comunicativa do indivíduo, ou seja, ampliar sua capacidade de interagir para outros contextos não familiares, contextos que exigem certas formalidades, convenções e regras no modo de usar a língua.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 51) sugere que a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias. Já para Bagno (2007), a tarefa de desenvolver essa competência assusta porque não é fácil reconhecer a competência comunicativa de um indivíduo. E mais, ampliar essa competência é uma tarefa delicada e sofisticada, mais exigente que a prática tradicional de reprimir os “erros” e impor o decoreba e a prática da análise sintática como fim em si mesma. Batista et al. (2007, p. 54), no fascículo 01 do Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental, propõem:

Formar cidadãos aptos a participar plenamente da sociedade em que vivem começa por facultar-lhes a participação na sala de aula desde seus primeiros dias na escola. Mas inclui, além disso, contribuir para que eles possam adquirir e desenvolver formas de participação consideradas adequadas para os espaços sociais públicos (...). Por isso é importante desenvolver a capacidade de interagir verbalmente segundo as regras de convivência dos diferentes ambientes e instituições.

É por meio do uso que os alunos apreendem a finalidade de objetos da oralidade presentes em diferentes contextos sociais e a maneira adequada de lidar com eles. Essas experiências podem ser vivenciadas no ambiente escolar e ampliadas para fora dos muros da escola.

A partir dessas reflexões, retomamos a discussão sobre os gêneros orais, enfatizando que colocar o aluno em contato com a rádio escola, ou com atividades que o levem a entrevistar alguém, fazer uma reivindicação a uma autoridade, expor um assunto para um público,

apresentar suas propostas como candidato à presidência do grêmio em um debate etc., são situações comunicativas que levam o aluno a analisar e refletir as condições de produção do texto oral, suas (in)formalidades, e, inclusive, a variedade linguística mais adequada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que é preciso preparar os alunos para a produção de textos orais: trabalhar a escuta desses textos para perceberem como a fala se organiza, a fim de que possam organizar textos orais mais elaborados. Não uma simples escuta, mas uma que leve à percepção das intenções do autor do texto, inferindo, levantando hipóteses.

Trazendo para a sala de aula e disponibilizando para escuta gêneros orais diversificados, orientando a exploração desses gêneros, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos, possibilitando-lhes deduções e descobertas e apresentando-lhes informações desconhecidas, oportunizamos ao aluno o acesso à diversidade de situações em que se faz uso da produção oral.

A escuta de textos orais gera reflexões e estimula a criticidade, levando à produção de outros textos orais e até mesmo escritos. Nesse processo, é necessário fazer com que os alunos percebam que a escolha das palavras é sempre intencional, visando atingir um determinado interlocutor/público.

O trabalho com a produção de textos orais numa perspectiva interacional, analisando e refletindo a língua, explora as competências comunicativas da língua a partir de suas condições de produção e recepção em situações reais de interação, sejam elas privadas (informais) ou públicas (formais). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 49),

[e]xpressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. [...] o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas.

Na escola, a aplicação de atividades voltadas para a produção de textos orais permite que os alunos percebam e compreendam como esses textos se realizam e se constroem, e em que contextos se realizam. Falar requer coerência, articulação entre os diversos tópicos, regras de convivência, recursos semióticos, escuta do outro, tudo orientado pela variedade de tipos e gêneros orais.

## 2.2 O gênero oral secundário entrevista

Segundo Marcuschi (2008) e outros linguistas que trabalham com o texto, a entrevista é um gênero oral secundário, pois é utilizado em situações de comunicação pública e, por isso, exige o uso de certas formalidades convencionalizadas. Essas formalidades variam de acordo com o público, os propósitos comunicativos, o ambiente e também o decorrer da história, considerando as inovações tecnológicas e sociais.

Os textos orais revelam seus processos durante a própria produção por meio de fragmentações, descontinuidade do fluxo informacional, paráfrases, repetições, correções, gestos, expressões fisionômicas etc. Segundo Schneuwly (2004), o trabalho com a oralidade implica ou uma intervenção no cotidiano ou um trabalho sobre o que já está dominado, numa visão de melhorar o uso da língua e não de ensiná-la necessariamente.

A entrevista oral é um gênero de produção coletiva. O texto vai se constituindo a partir da alternância de falas entre os interlocutores, falas que se complementam, construindo o sentido do texto coletivamente. É o que Castilho (2012) chama de sintaxe colaborativa e Fávero, Andrade e Aquino (2012), de sintaxe a dois. Sua elaboração é negociada entre os interlocutores.

A interação por meio da língua oral na entrevista exige de cada interlocutor uma capacidade de organizar a fala de forma que esta viabilize a fala do outro, estabelecendo uma relação dialógica. Depende dos papéis sociais de cada interlocutor, do conhecimento partilhado entre eles, do contexto situacional, da escuta atenta do outro etc.

A progressão da entrevista requer adaptação às necessidades do outro, seu desenvolvimento é imprevisível, uma vez que cada interlocutor participa desse diálogo por motivações e sentimentos diferentes. Logo, as trocas tanto podem orientar como modificar o andamento do tópico discursivo, do assunto.

O espaço de circulação da entrevista oral é bastante variado. Assim, variados também são os tipos de entrevista, indo desde a busca de informações ou a seleção para uma bolsa de estudos, passando por entrevistas para coleta de dados, até a entrevista para emprego. Mas independentemente do tipo de entrevista, todas elas visam a conhecer algo sobre o entrevistado: sua vida, suas aptidões, seus conhecimentos sobre um tema ou um fato.

A entrevista pode ter um ou mais temas que norteiam as perguntas do entrevistador e também as respostas do entrevistado. Esse gênero consiste na discussão em torno das informações apresentadas e sua coerência se dá por meio da fidelidade à temática, tanto por parte do entrevistado quanto por parte do entrevistador.



Algumas das características da entrevista, a serem mostradas na escola, é que ela pode conter um entrevistador e vários entrevistados ou, ao contrário, mais de um entrevistador e apenas um entrevistado. Ou pode ainda ocorrer entre entrevistador(es) e entrevistado(s) assistidos por espectadores, com ou sem participação.

A nosso ver, a entrevista oral é uma sequência dialogal que, segundo Cavalcante (2013), em geral são assim organizadas: a) abertura – estabelecimento da interação inicial, atendendo a convenções sociais; b) operações interacionais – construção das trocas comunicativas da interação verbal; c) fechamento – encerramento do diálogo, com fórmulas fáticas de fim de conversa. Em geral, essa sequência dialogal na entrevista se compõe por saudações, apresentação dos interlocutores e dos propósitos da entrevista (abertura), desenvolvimento do par adjacente pergunta-resposta (operações interacionais), pode conter algumas considerações e agradecimentos antes do encerramento (fechamento), dependendo do contexto em que se der.

No entanto, mesmo sendo a entrevista um gênero secundário, sua estrutura não é tão rígida. Mas isso também não implica dizer que essas fases não sejam relevantes, pois todas cooperam para uma melhor interação e envolvimento entre os interlocutores, logo para o desenvolvimento da entrevista. Principalmente quando exposta a um público espectador, a apresentação tanto do entrevistador quanto do entrevistado são necessárias e a sequência pergunta-resposta pode ser expandida ao público ou não. As considerações antes do encerramento são de bom tom.

Qualquer um pode ser entrevistado, mas é preciso mais para entrevistar. Ser um entrevistador requer maturidade emocional, habilidade no relacionamento interpessoal e perspicácia para identificar traços de personalidade, motivações e atitudes das pessoas e interpretá-los (GIL, 2010). Entrevistar requer algum conhecimento do tema da entrevista, escuta atenciosa das informações dadas pelo entrevistado, interpretação do que é falado e também dos recursos semióticos; requer também raciocínio rápido para elaboração da próxima pergunta, evitando repetição de perguntas, ou cuja resposta já tenha sido dada, ou ainda perguntas que fujam ao tema.

Realizar uma entrevista requer planejamento, elaboração de um questionário prévio, ordenado de forma lógica, adaptado ao perfil, nível sociocultural do interlocutor e à situação comunicativa. O entrevistador também deve se preparar para imprevistos, para fazer adaptações inesperadas. Nesse processo, a escuta atenta das respostas do entrevistado para uma correta



interpretação e possível (re)elaboração de perguntas no momento da entrevista, é muito relevante.

Entrevistar implica comandar, manter o controle sobre si e sobre seu interlocutor. Conforme Cagliari (2009, p. 22), a forma de fazer perguntas é, sem dúvida, um exercício de poder do locutor sobre o interlocutor. Nesse jogo, a curiosidade é essencial para que o entrevistador siga elaborando perguntas que garantam a continuidade do tema e evitem lacunas, perguntas redundantes ou descabidas, fuga do tema tanto de sua parte quanto da parte do entrevistado.

Entrevistado e entrevistador precisam estar em sintonia, este interessado em conhecer e aquele interessado em apresentar informações a respeito do que sabe. As perguntas podem ser pré-elaboradas pelo entrevistador, mas, na interação, são as respostas do entrevistado que orientarão as perguntas cabíveis e em que sequência serão feitas.

É também na interação que outras perguntas, que não foram pré-elaboradas, são improvisadas, de modo a garantir maior compreensão da informação e continuidade temática. Isso exige uma postura mais ativa por parte do entrevistador e a habilidade de lidar com situações adversas que podem interferir no andamento da entrevista.

O entrevistador deve também considerar a escolaridade, a faixa etária, as condições físicas e psicológicas, o meio em que vive, a visão de mundo do entrevistado, entre outros, a fim de adequar sua linguagem para interagir e para validar ou não as informações apresentadas por seu interlocutor.

O processo de produção do gênero textual oral entrevista requer em seus aspectos formais, além das estratégias de construção do texto, a seleção lexical para adequação da linguagem à forma verbal de tratamento entre os interlocutores, à variante linguística e aos termos e expressões próprios de cada situação comunicativa, adequados ao público que se pretende atingir, aos propósitos comunicativos e ao gênero textual. Em se tratando de ensino de oralidade, o gênero entrevista tem muito a contribuir, pois é um gênero que trabalha todas as habilidades cognitivas e linguísticas do aluno, numa situação discursivo-social real.

Segundo Marcuschi (2008), quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos. Numa entrevista para uma bolsa de estudos, um auxílio estudantil, um primeiro emprego etc., o conhecimento das especificidades desse gênero é crucial para um bom desempenho.

Mas proporcionar ao aluno a oportunidade de conhecer essas especificidades implica um trabalho bem planejado, acompanhado de perto pelo professor, de modo que as intervenções sejam adequadas a cada etapa e situação. Deve levar os alunos para além dos muros da escola, propiciando situações reais de comunicação por meio de entrevistas, propiciando a ampliação dos conhecimentos, do vocabulário e da competência comunicativa.

No caso da entrevista, deve partir da escuta de outras entrevistas, sejam elas gravadas e ouvidas em áudio, ou áudio e vídeo, por meio das mídias, ou inserindo o aluno em contextos de entrevista. Assim, ele poderá perceber os modos de dizer próprios da entrevista, sua finalidade, postura dos sujeitos envolvidos, tom e ritmo de voz, linguagem utilizada, entre outras coisas.

Investir mais em trabalhos que levem ao abandono da visão de oralidade como mero instrumento de aprendizagem de conteúdos, instiga a exploração dessa modalidade da língua em todas as suas especificidades, ampliando seu uso para situações de comunicação públicas. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois, para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nem sempre a escola trabalha a competência de escutar, de ouvir atentamente; e quase sempre o cuidado com a escuta tem apenas a motivação disciplinar, sem explorar sua função interativa (ANTUNES, 2003). O ensino da oralidade requer análise da fala contextualizada, em interações reais. Essa análise deve ser individualizada, mas vista dentro do contexto coletivo de forma reflexiva e crítica, verificando como a língua funciona no próprio uso dela, considerando as especificidades do texto oral, e não sob a perspectiva da escrita.

### **3 Metodologia**

A coleta de dados para esse estudo ocorreu num período de dois meses, tempo suficiente para observação do que os alunos já conheciam sobre o gênero oral entrevista e para a preparação e realização das entrevistas. Um roteiro e um cronograma foram elaborados e iniciamos a pesquisa.

O nosso trabalho de campo foi guiado pelo interesse em verificar o desempenho linguístico dos participantes da pesquisa durante a realização das entrevistas, listando suas habilidades e/ou dificuldades para compreender a fala do interlocutor, bem como para manifestar-se oralmente de forma a garantir a interação, fazendo uso dos recursos que a situação

comunicativa exige. Oferecer as orientações necessárias e, assim, proporcionar aos alunos a oportunidade de produzirem textos orais, também propicia excelentes oportunidades de reflexão sobre a língua. Assim, esta pesquisa se deu por meio da realização de entrevistas de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental a profissionais das áreas em que pretendem atuar. Nosso propósito foi tomar as análises como base para outras situações de produção de gêneros orais secundários.

Quanto à abordagem, a pesquisa seguiu uma orientação de natureza qualitativa, uma vez que o objetivo é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, trabalhando com variáveis que não podem ser exatamente operacionalizadas, mas observadas e descritas. Quanto aos procedimentos metodológicos, caracteriza-se como uma pesquisa de campo, uma vez que de coleta dados foi realizada junto a pessoas para o contato com o fenômeno pesquisado. Dentre os instrumentos de coleta de dados, utilizamos a observação não participante, a gravação em áudio e o diário de pesquisa, durante as entrevistas realizadas pelos participantes da pesquisa.

Esses sujeitos foram oito alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Floriano/PI, identificados neste trabalho como S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7 e S8. No momento da realização da pesquisa, eles estavam na faixa etária de 14 e 17 anos. São três meninas e cinco meninos. Entre eles, dois já trabalhavam e um já assumia todas as responsabilidades da casa. Esses alunos pertenciam a uma turma que funcionava no turno da tarde e possuía 14 alunos, sete meninas e sete meninos, seis dos quais eram repetentes. A maior parte da turma era de baixa renda e estudou em escola pública a vida toda.

Propomos aos participantes da pesquisa atividades que culminaram na produção de uma entrevista oral. O auxílio da escrita foi necessário em alguns momentos. Cada atividade visava analisar que conhecimentos esses sujeitos possuíam sobre os gêneros orais secundários, mais especificamente sobre o gênero entrevista, seus contextos de produção, estruturação e registros de linguagem mais apropriados. As atividades propostas envolveram o tema “Mercado de Trabalho”, contextualizando uma realidade que alguns dos sujeitos envolvidos já enfrentam, oferecendo subsídios para uma reflexão crítica da realidade e da vivência da cidadania.

Iniciamos com uma conversa informal com os sujeitos sobre o que pretendem ser quando crescerem, pedindo que comentassem também suas motivações (internas e externas) para essa escolha. Na mesma conversa, eles puderam relatar o que já sabem sobre a profissão pretendida e o que gostariam de saber mais. Por fim, perguntamos se eles gostariam de entrevistar alguém que exercesse essa profissão, no intuito de envolvê-los e motivá-los para a

realização da pesquisa. De início, toda a turma (14 alunos) concordou. Então, listamos, com os sujeitos, nomes de profissionais da cidade que poderiam nos ajudar.

Entramos em contato com esses profissionais, policial da força tática, arquiteto, engenheiro mecânico, ortopedista, veterinário, enfermeiro, analista de sistema e advogado, cada um em seu ambiente de trabalho. Expusemos o propósito da pesquisa, tiramos dúvidas, garantimos o sigilo de suas identidades no material produzido para a pesquisa e marcamos data e horário para a realização das entrevistas. Alguns não aceitaram, alegando não saber se expressar bem e indicaram nomes de colegas da mesma área. Outros não fizeram objeção alguma e externaram achar interessante e relevante a proposta.

De posse da agenda de entrevistas, voltamos à conversa com os participantes da pesquisa sobre a preparação da entrevista. Falamos sobre os propósitos da entrevista, a ambientação necessária (gravador de voz, silêncio, relógio ou cronômetro etc.), como iniciar a entrevista, que perguntas fazer e como fazê-las, qual a postura adequada, como e quando encerrar a entrevista etc.

Conduzimos essa conversa apenas por meio de perguntas para verificar o que eles já sabiam sobre o gênero entrevista. Não fizemos nenhuma intervenção ante as lacunas deixadas pelos participantes da pesquisa, salvo algumas perguntas que tinham por objetivo verificar o que o aluno realmente conhecia.

À medida que eles comentavam, fazíamos o registro no quadro em acrílico para visualização e sistematização por parte da turma. Depois os desafiamos a organizarem sua entrevista por escrito, individualmente. Nessa etapa, quatro sujeitos desistiram alegando não gostarem de escrever.

Na data e horário que cada profissional agendou, levamos o sujeito que almejava a profissão ao local de trabalho do entrevistado. Cada sujeito realizou sua entrevista com o profissional, ora com base no que preparou, ora improvisando, conforme relataremos nos resultados.

Durante a realização das entrevistas, mais um sujeito desistiu. Outro, que também queria ser advogado, foi para a entrevista, mas não participou, deixou que o colega conduzisse a entrevista e ficou apenas de espectador. Restaram-nos, então, oito sujeitos que efetivamente participaram da coleta de dados.

A coleta de dados foi feita em campo pela observação, registros em diário de pesquisa e gravação em áudio das entrevistas. A observação sistemática não participante, nas entrevistas

realizadas, consistiu em apenas presenciar o fato, mas sem participar dele, nem deixar-se envolver pelas situações, mas apenas levando-nos a fazer o papel de espectadora.

Para suprir as desvantagens da observação sistemática não participante, um plano de execução foi elaborado para a coleta de dados, como já mencionado. Com base nesse plano, pudemos nortear nossa observação dando atenção especial e registrando, em um diário de pesquisa, as informações que, sob uma pré-análise, imaginamos poder responder nossos questionamentos. Para isso, tomamos por base a teoria levantada para a pesquisa, nossos objetivos e hipótese.

Este plano também nos levou a evitar possíveis intervenções que deixassem os sujeitos pouco a vontade durante a entrevista, o que interferiria nos resultados. O evento também foi gravado para suprir possíveis falhas na memória durante a etapa de análise dos dados.

Observamos os alunos durante a realização da entrevista: postura, linguagem, escuta, estruturação das falas (do gênero), interação durante o evento comunicativo etc. Registramos impressões no diário de pesquisa, bem como aspectos que chamaram nossa atenção. A gravação das entrevistas visava uma análise mais profunda das falas posteriormente. A técnica do diário de pesquisa permite que se anote as observações dos fatos, descrição dos interlocutores e ambientes envolvidos, bem como a progressão da pesquisa. Reflexões e comentários também são registrados, e tudo isso constitui dados para a futura análise e discussão dos resultados.

O conjunto dos procedimentos utilizados nos propiciou entender como se dá o processo de produção de uma entrevista e os fatores que interferem nessa produção. Foi possível perceber o que os alunos já conhecem desse gênero, se compreendem sua função, se sabem como organizá-lo composicionalmente, se usam termos e expressões devidamente articulados e/ou próprias desse gênero, se usam de clareza e coerência, se já ouviram ou assistiram uma entrevista.

Como uma conversa anterior entre pesquisador e entrevistado já havia acontecido, durante a realização das entrevistas, adotamos a seguinte postura: adentrávamos o ambiente em que a entrevista seria realizada, cumprimentávamos o entrevistado e sentávamos num canto do ambiente. Depois de entrevistado e entrevistador se acomodarem, ligávamos o gravador de voz e tomávamos nota no diário de pesquisa sobre a entrevista. Ao final, agradecíamos e nos despedíamos. Alguns entrevistados solicitaram nosso retorno ao final da pesquisa com os resultados e conclusões.

Para análise das gravações, adotamos as normas de transcrição já elaboradas pelos pesquisadores do Projeto NURC/SP em quadro elaborado por Fávero, Andrade e Aquino (2012). No entanto, é preciso lembrar que essas normas não são padronizadas, mas nos ajudaram a preservar as características da produção oral, sem analisá-la pelas regras do sistema de escrita.

A análise dessas gravações foi complementada pelas anotações feitas no diário de pesquisa, a fim de contextualizá-las e inserir nossas impressões sobre os sujeitos, o ambiente etc. As transcrições e registros no diário de pesquisa foram analisados e ajudaram na constituição dos dados obtidos durante a observação das entrevistas.

Todo o material coletado foi revisado para seleção daqueles que descreveriam com maior fidelidade o fenômeno observado, ou seja, como os alunos produzem o gênero entrevista oral numa situação formal. Posteriormente, analisamos os dados a partir da teoria levantada e selecionada para este trabalho. Essa análise permitiu a estruturação de um quadro teórico.

Quanto aos espaços em que se deram as entrevistas, podemos dizer que em algumas situações não foram muito favoráveis. S1 (sujeito 1) realizou sua entrevista em um quartel, numa sala reservada, com mobília adequada, ar condicionado, sem ruídos. S2, em um escritório de arquitetura, numa sala reservada, com mobília adequada e ar condicionado. No entanto, em alguns momentos toques de telefones, abrir e fechar de outras portas, falas de pessoas na recepção, causaram distração.

S3 realizou sua entrevista em sala reservada, com mobília adequada e ar condicionado, sem ruídos ou outras distrações. S4, em um consultório ortopédico de plantão de um hospital público, com mobília adequada, mas um pouco quente e com muitos ruídos de falas de auxiliares do entrevistado que também usavam cerras para retirar gesso dos pacientes, fazendo muito barulho e prejudicando a compreensão entre os interlocutores envolvidos na entrevista.

S5 fez sua entrevista em um espaço comercial de propriedade do entrevistado. Entrevistado e entrevistador realizaram a entrevista de pé, não havia assentos. Embora atendidos por outros funcionários, pelo espaço circulavam clientes o tempo todo. Também havia barulho de buzinas e carros de som, pois o comércio fica no centro da cidade.

S6 desenvolveu sua entrevista em sala reservada, com ar condicionado, sem ruídos e com mobília adequada. S7 no setor de informática de um quartel, em sala reservada, com mobília adequada, ar condicionado e sem ruídos. S8 no escritório de um advogado, também com mobília adequada, ar condicionado e sem ruídos.

As produções orais (entrevistas) foram gravadas, transcritas e protocoladas e, posteriormente, analisadas à luz de literatura já produzida sobre essa temática e selecionada para esta pesquisa.

## 4 Resultados

Situações formais de comunicação, como uma entrevista oral, exigem o uso de registros formais. A formalidade de determinados gêneros secundários deve ser buscada por meio da adequação desse gênero e de sua linguagem ao contexto comunicativo. É preciso que os interlocutores o conheçam para bem utilizá-lo em dada situação, sua função e finalidade, sua organização composicional, seus modos de dizer, garantindo a interação e a sociabilidade.

Neste artigo, analisamos a produção da entrevista considerando alguns aspectos formais que são cruciais para sua organização composicional e interação entre os interlocutores, como o cumprimento inicial entre entrevistador e entrevistado; a apresentação de ambos e também dos propósitos da entrevista (antes do desenvolvimento do par adjacente, Pergunta-Resposta) e o encerramento (após a conclusão de Perguntas-Respostas). Antes do encerramento propriamente dito também podem ser feitos agradecimentos e considerações. Esses aspectos não são apenas formais, mas funcionais na produção das entrevistas.

Considerar esses aspectos na produção das entrevistas foi uma das dificuldades observadas durante nossa pesquisa, como demonstram as falas dos sujeitos (entrevistadores), transcritas ao longo de nossa análise. Comentaremos o desempenho linguístico dos sujeitos quanto à seleção lexical, o cumprimento inicial, a apresentação dos interlocutores e dos propósitos da entrevista e o encerramento, tendo em vista sua funcionalidade para a interação entre os sujeitos envolvidos na produção e o fato de serem formalidades exigidas pelo contexto em que o gênero está inserido.

### 4.1 Seleção lexical para adequação da linguagem

S3: Por que o senhor... por que o senhor escolheu essa... essa... esse emprego ou essa profissão? Por que resolveu escolher?

S5: Boa tarde! Meu nome é S5. Eu queria fazer uma pergunta pro senhor. Eh:: como é que a gente faz... o que o senhor, o::: veterinário faz pra:: se especializar nesse curso?

S4: Quando você foi fazer a faculdade... quais as principais... quando você começou a faculdade qual foi as principais dificuldades que você encontrou durante essa trajetória? Tanto pra entrar ou dentro dela?



S7: Você procura sempre tá... atualizando todo dia, né? as informações?

Quanto ao tratamento para com o interlocutor, enquanto S3 e S5 usam pronomes de tratamento considerados, no meio em que vivem os participantes da pesquisa, de muito respeito e certo distanciamento entre interlocutores, S4 e S7 usam o tratamento “você” para pessoas bem mais velhas e com quem estão tendo contato pela primeira vez. Na periferia da cidade de Florianópolis, entre as pessoas de origem mais humilde, o comum é que os jovens tratem os mais velhos, os professores ou pessoas com quem não tenham intimidade, por “senhor” e “senhora”.

A opção pelo tratamento “você” de S4 e S7 talvez se explique porque ambos vieram de realidades diferentes dos demais sujeitos. S4 é de classe média e S7 chegou de São Paulo recentemente. Nos espaços que frequentavam antes, provavelmente o mais comum é tratar as pessoas por “você”, não indicando, necessariamente, falta de respeito.

Talvez porque os entrevistados fossem pessoas com um pouco mais de instrução, conhecedores de outras culturas, o tratamento “você” não causou estranhamento, nem prejudicou o andamento da entrevista. Não podemos afirmar se o mesmo teria acontecido se o entrevistado fosse um idoso analfabeto e sem muito conhecimento de outras culturas.

Nesse último caso, o entrevistado poderia se sentir incomodado ou pouco à vontade, podendo haver dificuldades na interação entrevistado e entrevistador. Bortoni-Ricardo (2004) declara que ser competente comunicativamente é saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores e em quaisquer circunstâncias.

Santos, Riche e Teixeira (2013) lembram que os estudos de Piaget e Vygotsky ratificam a importância das interações sociais para o desenvolvimento da linguagem, o que demanda inserir os alunos em contextos diversos de comunicação, a fim de que, ao fazer a seleção lexical, ele planeje sua fala considerando o perfil do seu interlocutor, o gênero textual e o contexto social e comunicativo em que se encontra. E que ele também tenha condições de compreender a seleção lexical feita por seu interlocutor.

De acordo com Preti (2006), a linguagem ajuda na formação de uma consciência de grupo e, ao se expressarem de determinada forma, as pessoas deixam marcada sua identidade, logo, suas intenções, suas experiências comunicativas e sociais. Observamos nas entrevistas que, diante do vocabulário técnico de alguns entrevistados, os entrevistadores se mantiveram passivos, sem perguntas ou preocupação em entender o que o entrevistado estava dizendo. Não houve interação porque não houve compreensão por parte do entrevistador.

A seleção lexical do entrevistado, que não adequou a linguagem ao seu interlocutor, em alguns momentos, levou o entrevistador a fazer perguntas cujas respostas já haviam sido dadas, como veremos na análise da segunda categoria. Mas também levou ao cansaço, fadiga, desconcentração e desinteresse do entrevistador em algumas situações. Sendo, a entrevista oral, um gênero de produção coletiva, a seleção lexical deve primar pelo entendimento e interação entre entrevistado e entrevistador, de forma que ambos compreendam-se mutuamente e mantenham a atenção e o interesse pelo desenvolvimento do que se passa naquele encontro determinado. Isso requer comportamentos letrados, atitudes como o gosto pela leitura, hábito de escrever, de ouvir, de conversar com diferentes interlocutores etc., garantindo uma ampliação de nosso vocabulário e segurança linguística para interagir, o que ajudará na seleção de palavras adequadas ao contexto comunicativo e na compreensão do que é dito pelo outro, sendo ele mais culto ou não.

A adequação da linguagem, garantida por uma boa seleção lexical, aliada à agilidade no planejamento/execução da fala, contribuem significativamente para a funcionalidade do que é dito. Mas essas habilidades só são adquiridas quando o sujeito é inserido em contextos de escuta e produção de gêneros orais diversos.

#### 4.2 Cumprimento inicial

S1: Bom dia! Meu nome é S1 e a profissão que eu escolhi é pra ser POLicial. Aí a primeira pergunta eh:: se:: eh:: se:: eh:: a cota de policiais... eles são de acordo com o que o Estado precisa? Ou se todo ano tem, tem concurso pra ser policial?

S2: Bom, eu (quero) perguntar como é a formação dum arquiteto?

S3: Primeiramente, bom dia! Eu queria perguntar se... eh:: fundamentalmente precisa de que ... precisa de que pra essa... pra essa... função não... pra esse... serviço. Precisa de quanto e de que pa puder cursar a engenharia mecânica?

S4: É que... quais são as matérias ( ) importantes (para se formar) em ortopedia?

S5: Boa tarde! Meu nome é S5. Eu queria fazer uma pergunta pro senhor. Eh:: como é que a gente faz... o que o senhor, o::: veterinário faz pra:: se especializar nesse curso?

S6: Eh:: eh::: o que o enfermeiro faz?

S7: Ah! Bom... Meu nome é S7, vou fazer a entrevista sobre o:: o técnico de informática. Eu queria saber o que precisa pra... entrar nessa área, assim? escolaridade?

S8: Bom... primeiramente, eu queria perguntar qual... quais os estudos básicos precisa pra se formar? em::: direito? estudos básicos?

Observamos que S1, S3 e S5 até fazem o cumprimento inicial, convenção adotada em qualquer diálogo. Os demais vão direto ao desenvolvimento da entrevista, às perguntas. Talvez pela curiosidade exacerbada, mas cremos que mais pelo pouco contato com esse tipo de situação comunicativa, pelo desconhecimento quanto às características formais e funcionais do gênero oral entrevista e sua organização composicional. Isso pode ser confirmado com o que constatamos no momento da motivação para a pesquisa, antes das entrevistas, quando os sujeitos relataram que não costumam assistir ou ouvir entrevistas e que a única vez que tiveram a oportunidade de fazer uma entrevista fora no mesmo ano desta pesquisa, no primeiro semestre, durante as oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa.

S2, S4 e S8, não demonstraram nem um pouco de nervosismo, logo, não teria sido esse o motivo de ir direto às perguntas, sem nem ao menos cumprimentar o entrevistado. S6 também não demonstrou nervosismo, mas como não gosta muito de falar, sua preferência pela economia de palavras pode ser a explicação para a ausência do cumprimento inicial, embora, com base em nossa observação, possamos supor que ele também desconheça as características formais e funcionais do gênero oral entrevista.

Castilho (2011) afirma que os pares adjacentes é que constituem a unidade da conversação e que os mais habituais são saudação/saudação, pergunta/resposta, reclamação/pedido de desculpas, advertência/aceitação ou recusa da advertência etc. Consideramos o par adjacente saudação/saudação como uma estratégia interacional, e confirmamos o que diz Koch (2012, p. 36): As estratégias interacionais, por sua vez, visam a fazer com que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso da interação.

Assim, podemos afirmar que é de extrema relevância esse primeiro contato entre os interlocutores na produção do gênero oral entrevista. Uma vez que essa produção é coletiva, é preciso estabelecer uma certa aproximação entre entrevistado e entrevistador, a fim de que possam se envolver um com o outro e também com o evento (a entrevista), garantindo a interação, a sociabilidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento do texto.

#### **4.3 Apresentação dos interlocutores e dos propósitos da entrevista**

Vejam mais uma vez as falas de S1, S5 e S7, para fins de análise.

S1: Bom dia! Meu nome é S1 e a profissão que eu escolhi é pra ser POlicial. Aí a primeira pergunta eh:: se:: eh:: se:: eh:: a cota de policiais... eles são de acordo com o que o Estado precisa? Ou se todo ano tem, tem concurso pra ser policial?

S5: Boa tarde! Meu nome é S5. Eu queria fazer uma pergunta pro senhor. Eh:: como é que a gente faz... o que o senhor, o::: veterinário faz pra:: se especializar nesse curso?

S7: Ah! Bom... Meu nome é S7, vou fazer a entrevista sobre o:: o técnico de informática. Eu queria saber o que precisa pra... entrar nessa área, assim? escolaridade?

Nas falas acima, S1, S5 e S7 se apresentam, citando seus nomes, mas ninguém se identifica como aluno de escola tal ou algo que leve o entrevistado a conhecê-los melhor, ou que expliquem os propósitos da entrevista, como suas motivações para a escolha da profissão, o projeto da disciplina Língua Portuguesa em que estavam envolvidos etc.

Assim como o cumprimento inicial, conhecer o seu interlocutor e os objetivos da entrevista é primordial para que entrevistado e entrevistador se envolvam um com o outro e também com o evento comunicativo. Para o entrevistador principalmente, conhecer seu entrevistado permite dar maior ou menor credibilidade às informações por ele apresentadas e explorá-lo com maior ou menor profundidade.

S7 até faz algumas perguntas que poderiam levá-lo a conhecer melhor seu entrevistado, mas observamos que não parecia ser esse o seu interesse ao elaborar essas perguntas, uma vez que suas perguntas têm fim em si mesmas, não mantêm uma relação de continuidade, nem uma sequência temática, e aparecem ao longo do desenvolvimento da entrevista e não no início.

Ah! Bom... Meu nome é S7, vou fazer a entrevista sobre o:: o técnico de informática. Eu queria saber o que precisa pra... entrar nessa área? assim, escolaridade?

Aqui em Florianópolis, essa área cresce?

E o:: que te inspirou a entrar nessa área aí?

E sobre:: assuntos de racker no Brasil? tem algum dado sobre isso?

Você procura sempre tá... atualizando todo dia, né? as informações?

E::: o salário, em média, do técnico de informática?

Às vezes... às vezes cê... você se preocupa um pouco com... a::: quantidade, né? sobre o crescimento do... da informática, da tecnologia? ((entrevistado fez

sinal que não entendeu a pergunta)) Às vezes você se preocupa muito sobre o crescimento muito da tecnologia? sobre a sociedade?

E:: como você usa isso na:: polícia? você também é policial!

As perguntas destacadas, se feitas logo no início, poderiam ter levado à elaboração de outras cujas respostas aprofundariam o conhecimento sobre o entrevistado. E, mesmo sendo feitas durante a entrevista, também poderiam levar a esse aprofundamento. No entanto, as perguntas pareciam desinteressadas, apenas para cumprir o papel de entrevistador que é perguntar.

A pergunta “Você procura sempre tá... atualizando todo dia, né? as informações?”, por exemplo, não demonstra interesse pela resposta, que pode ser apenas “sim” ou “não”. É mais afirmativa, mas não partiu de uma resposta dada anteriormente pelo entrevistado. Também não busca entender as motivações do entrevistado para atualizar-se sempre. Se S7 acredita já ter essa resposta, então a pergunta seria desnecessária.

Quanto à apresentação dos propósitos da entrevista, S1 externa sua pretensão quanto à profissão.

Bom dia! Meu nome é S1 e a profissão que eu escolhi é pra ser POLICIAL. Aí a primeira pergunta eh:: se:: eh:: se:: eh:: a cota de policiais... eles são de acordo com o que o Estado precisa? Ou se todo ano tem, tem concurso pra ser policial?

S7 cita que fará uma entrevista sobre a profissão de técnico de informática, mas não relata ser sua pretensão seguir essa profissão.

Ah! Bom... Meu nome é S7, vou fazer a entrevista sobre o:: o técnico de informática. Eu queria saber o que precisa pra... entrar nessa área? assim, escolaridade?

Nem eles dois (S1 e S7), nem os demais falam de suas motivações para com a profissão, ou mesmo dos propósitos da entrevista antes de iniciá-la. S2 e S3 externam algo sobre essas motivações de forma um pouco confusa, como podemos observar nas transcrições abaixo, mas já quase no final das entrevistas, quando essas motivações contribuiriam mais se externadas desde o início.

S2: É que arquitetura e:: agronomia foi o que me chamou mais a atenção, mas mais arquitetura, aí, eu não sabia, como era, o que era direito que um arquiteto fazia, sabia que ele fazia planta de casa, mas NÃO as áreas que tinha de arquiteto.

S3: Eu escolhi essa profissão porque ela mexe muito com, com as matérias, porque ela me... me... incentivou... me incentivou não! ela me ensinou por que a importância de estudar. Sem o estudo, a pessoa num...num é nada.

Observamos que alguns entrevistados, antes da gravação, pediram para que seus entrevistadores lhes dissessem mais ou menos que perguntas fariam, sobre o que perguntariam exatamente. Um deles sentiu essa necessidade logo na primeira pergunta e pediu para interromper a gravação para que essa informação fosse dada.

Assim, percebemos a necessidade de uma temática para a entrevista, um propósito que justifique sua realização. E esse propósito precisa ser conhecido pelos sujeitos envolvidos na entrevista. Do contrário, ocorrerão fugas da temática e incompreensões, prejudicando a interação entre os interlocutores, a coerência textual, logo o desenvolvimento e a conclusão da entrevista.

#### 4.4. Encerramento da entrevista

Para concluir uma entrevista é preciso preparar um encerramento. Este encerramento pode ser iniciado com agradecimentos e considerações, o que revela boa educação. Em todas as entrevistas observadas, os sujeitos demonstraram dificuldade para encerrar a entrevista. S1 ia fazer uma pergunta, quando fez sinal para encerrar a gravação. Não cumprimentou, nem agradeceu ou fez considerações.

S1: E em questão da... da... ((pediu para cortar a gravação))

S2 parecia cansado ao final da entrevista. Apenas calou-se e o entrevistado foi quem perguntou se havia mais alguma pergunta. S2 apenas fez sinal que não. S3, por seu lado, encerrou, mas sem agradecimentos, considerações ou cumprimentos de despedida. Começou a dizer algo, mas como fez uma pausa grande, quando percebi já tinha desligado o gravador de voz e S3 calou-se ao ver o entrevistado levantar-se da cadeira para pegar algo.

S3: Eh, era só isso mesmo! ... Agora eu já..... ((desliguei o gravador, achando ter finalizado a fala))

S4, como S2, apenas calou-se e o entrevistado entendeu como fim da entrevista, levantou-se, desejou boa sorte e voltou ao trabalho, pois estava de plantão. S5 concluiu com um breve agradecimento:

S5: Era só isso mesmo, muito obrigado!

A entrevista de S6 também foi encerrada com um silêncio e o entrevistado foi quem perguntou se havia mais alguma pergunta. S6 apenas acenou que “não” com a cabeça. S7 fez sinal para encerrar a gravação, depois agradeceu ao entrevistado e se despediu. S8 encerrou sua gravação com silêncio. Não disse nada, não fez sinal. Depois de um bom tempo calado, o entrevistado concluiu que a entrevista encerrara-se.

Essa dificuldade para encerrar as entrevistas, sem um cumprimento final, sem considerações a respeito da temática, sem agradecimentos ao entrevistado, pode deve-se ao que afirma Castilho (2012, p. 102): parece evidente que os cidadãos ainda não foram suficientemente expostos a um novo modo de refletir sobre a língua. cremos, ainda, que o fato de se tratar de uma interação comunicativa ainda pouco exercitada pelos alunos também pode ter contribuído para o não cumprimento dessa etapa do encontro, sem contar que se trata de uma interação bastante estruturada e que a situação exige um grau de formalidade bem acentuada.

Mesmo inseridos em contextos reais de entrevista oral, mesmo tendo o propósito de saber mais sobre a profissão que almejam, mesmo tendo pré-elaborado algumas perguntas, os participantes da pesquisa demonstraram não compreender a relevância dos aspectos formais e funcionais envolvidos na produção do gênero oral secundário entrevista. Sem esse conhecimento, não sabiam exatamente para onde ir, nem como e onde chegar.

## 5 Considerações finais

Oliveira (2010) e Castilho (2012) pontuam que, por muito tempo, o ensino de língua se limitou a uma mera descrição e repetição de regras de um português pouco falado no dia a dia, uma gramática tradicional imposta pelos portugueses. Para o segundo autor essa visão da gramática tradicional tinha como argumento a ideia de que “sabendo Gramática escreve-se bem e lê-se melhor”, ignorando o ensino de língua como uma continuada reflexão sobre a língua.

Professores de Língua Portuguesa vêm abandonando essa visão equivocada quanto ao ensino de língua e dando lugar a uma visão de caráter mais interacional desse processo, por meio do estudo dos gêneros textuais em sala de aula. No entanto, é preciso discutir um pouco mais sobre como o ensino de língua pode explorar melhor esses recursos em sua totalidade,



uma vez que a língua se manifesta nas modalidades oral e escrita, em situações formais e informais, que demandam gêneros textuais específicos.

Nosso trabalho reflete sobre um ensino de língua que contemple a produção de gêneros orais secundários no ambiente escolar, mais especificamente a produção do gênero entrevista oral. Buscamos responder à seguinte questão: como o gênero entrevista oral pode mediar o processo ensino-aprendizagem da língua no Ensino Fundamental? Para responder a essa questão, investigamos o desempenho linguístico de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino da cidade de Floriano/PI na produção do gênero oral entrevista.

Entre os diversos gêneros orais secundários, optamos pelo gênero entrevista devido a contextos sociais que exigem cada vez mais a prática desse gênero. Como exemplos, podemos citar as bolsas de iniciação científica júnior, ofertadas a alunos do Ensino Médio, que entre outros critérios de avaliação para aquisição da bolsa, está a entrevista. Há também outros tipos de bolsa ou benefícios sociais, o programa aprendiz legal, estágios remunerados, monitorias, produção de vídeos em trabalhos escolares, entre muitas outras situações que fazem uso da entrevista no ambiente escolar, e também fora dele.

Observamos em nossos dados coletados em pesquisa de campo que os sujeitos conheciam o gênero entrevista oral e sua relevância e função social. Tinham clareza quanto aos propósitos das entrevistas que realizariam. Conseguiram elaborar perguntas coerentes com seus propósitos. Fizeram uso de repetições, hesitações, correções e outras estratégias de construção do texto oral, demonstraram-se atentos, na maioria das vezes, aos sinais e marcadores não linguísticos dos entrevistados. No entanto, apresentaram algumas dificuldades na concretização da entrevista.

Entre essas dificuldades podemos citar a interação face a face, provavelmente motivada pela ausência de intimidade com o entrevistado e de informações sobre ele e pela ausência de cumprimentos e apresentações iniciais (na maioria das entrevistas) que viabilizariam certa proximidade entre entrevistador e entrevistado. Em algumas entrevistas, cremos que o nervosismo contribuiu para que os sujeitos, na verdade, se esquecessem dos cumprimentos. Na maioria dos casos, ficou visível a pouca, ou nenhuma, prática de produção desse gênero pelos sujeitos que parecem conhecer sua composição e estratégias de construção apenas teoricamente, sem estabelecer relação com a prática.

Outras dificuldades observadas por parte dos nossos alunos, a partir dos dados da pesquisa, foram aquelas relativas à articulação e ao uso de recursos de estruturação em alguns enunciados, de forma que se tornassem claros para o entrevistador; dificuldade para improvisar e reformular enunciados; formulação de perguntas cujas respostas já tinham sido dadas; incompreensão ou desconcentração durante escuta do interlocutor; passividade na interação.

Em geral, a interação entre entrevistados e entrevistadores foi pouco ativa. Quase que unanimemente, os entrevistadores não formularam perguntas a partir das respostas dos entrevistados. Também não solicitaram repetição ou esclarecimento de informações dadas pelos entrevistados. Mesmo quando deram sinais visíveis de que não tinham compreendido, apenas deixaram passar e seguiram com a próxima pergunta.

Preparar os alunos para o uso da língua oral em situações públicas, em que a prática de certas formalidades linguísticas seja necessária para atingir os propósitos da situação comunicativa, é algo que pode iniciar já no Ensino Fundamental. Essa prática se dá por meio do estudo, escuta e produção de gêneros orais secundários, como a entrevista oral. A escuta e a produção de gêneros orais secundários permitem que os alunos analisem e reflitam a língua no próprio uso e avancem para as próximas etapas escolares bem mais conscientes dos aspectos formais e funcionais da língua, inclusive em contextos de comunicação pública.

Partindo dessas reflexões é que consideramos a entrevista como um excelente gênero oral secundário para se explorar no Ensino Fundamental, tendo em vista sua dinamicidade, sua interatividade e sua relevância social. A presença desse gênero em situações do dia a dia do aluno viabiliza sua contextualização em situações de ensino-aprendizagem, facilitando a reflexão quanto aos seus aspectos formais e funcionais, seus mecanismos de articulação e estruturação textual, sua linguagem, sua função e o papel de seus interlocutores.

A escuta e produção da entrevista oral pode orientar a escuta e produção de outros gêneros orais secundários, levando o aluno a direcionar sua escuta e produção para aspectos relevantes pela comparação com a entrevista, aspectos como os modos de dizer, a função, o(s) interlocutor(es) etc. Sendo o gênero entrevista um gênero que circula bastante na sociedade, é fácil para o educando desenvolver um trabalho a partir de uma entrevista, pois ele já possui conhecimentos prévios sobre o gênero. No entanto, é preciso expô-lo aos diferentes tipos de entrevista e chamar sua atenção para os aspectos formais desse gênero, a fim de que amplie seus conhecimentos e possa interagir por meio dele em diferentes situações, de forma independente.

Objetivamos divulgar esta pesquisa, e contribuir, por minimamente que seja, para uma atenção maior para com a escuta e produção dos gêneros orais no ambiente escolar, de modo especial os gêneros secundários. Pois uma vez inseridos nas aulas de Língua Portuguesa, numa perspectiva sociointeracionista, levarão o aluno a analisar, refletir e compreender os usos e formas da língua oral em contextos diversos, propiciando condições reais para interagir oralmente com segurança e competência como pessoa e como cidadão.

## Referências

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 09-86.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em : 12 out. 2013.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. **Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem**. Brasília: MEC, 2007.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 11. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de Português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário et al. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PRETI, D. **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

Artigo recebido em: 30.07.2016

Artigo aprovado em: 24.12.2016

Letras & Letras